

REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NO CONTO “SWEAT” DE ZORA NEALE HURSTON

FEMALE REPRESENTATION ON THE SHORT STORY “SWEAT” BY ZORA NEALE HURSTON

JOSÉ VILIAN MANGUEIRA*
FRANCISCO EDSON GONÇALVES LEITE**

RESUMO: Este artigo objetiva analisar o conto “Sweat”, da escritora norte-americana Zora Neale Hurston. A análise, orientada a partir da perspectiva da crítica feminista, terá como fundamentação teórica os estudos pioneiros de Butler, Gilbert e Gubar e Scott. O conto apresenta a trajetória de Delia, uma mulher negra e pobre que sustenta a casa com seu ofício de lavadeira e é submetida pelo esposo a agressões físicas e psicológicas e ao constrangimento da traição, reflexos de um casamento fracassado. O percurso da personagem na narrativa é definido como um calvário e diretamente relacionado à sua condição social e, principalmente, de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: representação do feminino, gênero, Zora Neale Hurston, crítica feminista, personagens femininos.

ABSTRACT: This essay aims to analyze the short story “Sweat” by the American writer Zora Neale Hurston. The analysis, oriented by the feminist criticism, will be based on the pioneering studies of Butler, Gilbert and Gubar and Scott. The short story portrays the trajectory of Delia, a poor black woman who maintains her house working hard and who is constantly assaulted physically and psychologically by her husband and submitted to the embarrassment of a treason, reflections of a failed marriage. The trajectory of the female character is defined as a Calvary, and it is directly related with her social condition, and, most importantly, by her gender.

KEYWORDS: female representation, gender, Zora Neale Hurston, feminist criticism, female characters.

* Professor na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

** Doutorando na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

O movimento feminista vem, historicamente, lutando contra os papéis e posições que a sociedade ocidental, notadamente patriarcal, delega à mulher. Nesse campo de batalhas, Louro reconhece dois principais momentos: o primeiro, ainda no século XIX, é representado pela busca do sufrágio; o segundo, já no século XX, é marcado pela efervescência cultural e política dos anos 1960 e resulta em formulações teóricas fundamentais para os estudos feministas contemporâneos (LOURO, 2003). É nesse segundo momento que surge um conceito capital para a abordagem do feminino, a saber, a noção de gênero, que imprime maior rigor teórico-metodológico às análises realizadas (SCOTT, 1995).

No âmbito da teoria feminista, gênero pode ser entendido, grosso modo, como uma categoria social baseada nas relações entre os sexos. Segundo Scott, a categoria de gênero refere-se “[...] às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres. ‘Gênero’ é [...] uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (SCOTT, 1995, p. 75). Essa conceituação do gênero tem a virtude de buscar superar o determinismo biológico evidenciado na oposição baseada no sexo. Ao se constituir como uma construção social, o gênero impõe uma nova maneira de se compreender as relações entre o masculino e o feminino, numa tentativa de superar o binarismo sexual sobre o qual está baseada toda uma arquitetura conceitual patriarcal que determina papéis e impõe posições sociais menos privilegiadas ao feminino.

Entretanto, não se trata de negar a correlação existente entre sexualidade e gênero. Como observa Louro, “[...] não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas” (LOURO, 2003, p. 22). Nessa mesma linha, Butler afirma que o gênero não é o resultado causal do sexo, negando, portanto, qualquer relação direta e determinista entre os dois (BUTLER, 2003). Ademais, Butler reconhece uma certa fluidez nas identidades de gênero, quando comparado ao sexo, pois, ao ser determinado culturalmente, o gênero sofre a influência e a determinação das diferentes forças que atuam na sociedade (BUTLER, 2003): “Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo” (LOURO, 2003, p. 28).

Assim, o conceito de gênero, fundamentado essencialmente no social, apresenta-se como um instrumento importante para desestabilizar a lógica binária baseada na diferença sexual que impera na sociedade. A crítica feminista reconhece que “[...] colocar a dualidade do sexo num domínio pré-discursivo é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas” (BUTLER, 2003, p. 25). Preocupadas, desde sempre, com as relações de poder que imperam na sociedade, responsáveis pela promoção e perpetuação de relações assimétricas entre os sexos, a crítica feminista procura desnaturalizar as construções sociais e culturais que, historicamente, justificaram o assujeitamento e submissão do feminino ante o masculino.

Como se pode observar, a construção da categoria de gênero apresenta-se como um fator determinante para a continuidade e credibilidade dos estudos feministas. Como destaca Torrão Filho, “[...] gênero assinalava o interesse da historiografia em uma história que incluía os discursos dos ‘oprimidos’, numa análise do sentido e da natureza desta opressão” (FILHO, 2005, p.130). Desse modo, diversas áreas das ciências humanas veem na categoria de gênero um campo fértil para a realização de estudos que, geralmente, foram negligenciados pela ciência tradicional.

O campo dos estudos literários é umas das áreas em que a categoria de gênero possibilitou uma gama variada de análises, tendo como precursoras as feministas americanas da década de 1960. A literatura, em especial, é considerada por Gilbert e Gubar como uma área predominantemente dominada pelo masculino: “The pen has been defined as not just accidentally but essentially a male ‘tool’, and therefore not only inappropriate but actually alien to woman” (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 8). Ao considerar a caneta como um pênis metafórico, Gilbert e Gubar (2000) apontam claramente para as fortes relações de poder que imperaram e ainda imperam no campo literário, as quais relegaram a mulher à condição de mero objeto da representação masculina: “[...] women in patriarchal societies have historically been reduced to mere properties, to characters and images imprisoned in male texts because generated solely [...] by male expectations and designs” (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 12). Sem direito a voz e representadas a partir de um ponto de vista da ideologia do patriarcado, as mulheres foram, historicamente, negligenciadas no campo literário. O florescimento dos estudos feministas na década de 1960 permite uma releitura crítica de textos fundantes da tradição literária, ao mesmo tempo em que encoraja o

resgate de textos literários produzidos por mulheres, vozes essas marginalizadas pelo cânone e silenciadas por forças sociais opressoras.

Tendo em vista a contribuição que os estudos de gênero deram à literatura, este trabalho objetiva analisar o conto “Sweat”, da escritora norte-americana Zora Neale Hurston. Através de uma escrita de resistência, a autora procura retratar o cotidiano de uma mulher negra e pobre em uma pequena cidade dos Estados Unidos. Ao focalizar os conflitos internos e externos aos quais a personagem principal, Delia Jones, é submetida ao longo da narrativa, o conto ressalta o contexto opressor e patriarcal ao qual o sujeito feminino está submetido. Assim, a narrativa será analisada tomando como base o referencial teórico acima exposto, especificamente a categoria de gênero, buscando destacar as construções e forças sociais que conduzem a relações assimétricas entre o masculino e o feminino, características de um contexto dominado pelo patriarcalismo.

Zora Neale Hurston (1891-1960) foi uma escritora norte-americana nascida em Eatonville, Flórida, e fez parte do movimento cultural conhecido nos Estados Unidos como *harlem renaissance*. Este movimento, que influenciou as artes em geral e, particularmente, a literatura, trazia para o primeiro plano da discussão a situação do negro no contexto americano, visando à desconstrução dos estereótipos e à afirmação de uma identidade afro-americana: “They intended to re-assert their culture and fight the existing stereotypes about the Afro-American, showing the true essence of their people. AfroAmerican folklore became their source of inspiration” (FRAILE, 1997, p. 27). Assim, toda a literatura produzida por Hurston está largamente permeada por questões raciais, levando a uma reflexão crítica sobre o papel do negro na sociedade americana. Ademais, sua experiência como folclorista e antropóloga, que resultou na publicação de obras e estudos de cunho não-literário, trouxe para sua literatura uma riqueza e uma singularidade ímpares que se refletem na escolha de temas, personagens, ambientes e na própria linguagem utilizada para representá-los. A linguagem, em particular, é um dos aspectos mais marcantes da literatura de Hurston:

Hurston does therefore protest with her folklore-based writing; and her protest is against the genteel tradition, the sentimental novel, and the imposition of cultivated standard English on the Afro-American literature that preceded her, besides protesting against Richard Wright’s protest and social novel which coexisted with her own work in time, and outlived her. (FRAILE, 1997, p. 29-30)

Desse modo, a literatura de Hurston quebra com algumas convenções e paradigmas estabelecidos na tradição literária americana, ao fazer uso de uma linguagem coloquial que buscava retratar, de modo bastante realista, o falar do negro americano. Por fazer parte dessa comunidade, já que cresceu em uma pequena cidade formada majoritariamente por afro-americanos, e ter estudado o folclore e a cultura de seu povo como antropóloga e folclorista, Hurston consegue imprimir em sua literatura uma naturalidade e uma fluidez no falar das personagens que ajuda a aproximar o leitor da narrativa, anulando, em seus textos, o estigma depreciativo e cômico que o “*black dialect*” adquiriu ao longo da tradição.

Assim, a obra de Hurston pode ser definida como uma literatura de resistência. Em artigo intitulado “Narrativa e Resistência”, Bosi afirma que a resistência na literatura se apresenta como tema e/ou como processo inerente à escrita (BOSI, 1996). Em Hurston, a resistência como tema pode ser evidenciada na escolha da escritora em focalizar sujeitos socialmente marginalizados, ao retratar, especificamente, a situação da mulher negra na sociedade patriarcal americana. Já a resistência como processo inerente a escrita fica clara na recusa da escritora em se submeter às convenções tradicionais da escrita literária, quando faz uso de uma variedade não padrão em seus textos para retratar o falar da comunidade afro-americana. Essa dupla resistência evidenciada na literatura de Hurston, tanto em relação à escolha dos temas quanto em relação à escrita, converge para um objetivo comum, a saber, a tentativa de afirmação de princípios e de uma identidade negra para além dos estereótipos vigentes até então.

O conto “Sweat” condensa, em maior ou menor grau, todas essas características acima atribuídas à literatura dessa escritora norte-americana: “‘Sweat’ is a showpiece of Hurston virtuosity as storyteller, anthropologist and stylist” (WARD, 1996, p. 182). O conto é narrado em terceira pessoa e traz como protagonista a personagem Delia Jones, uma mulher negra que enfrenta os problemas advindos de um casamento fracassado e das agressões verbais e físicas de seu marido, Sykes Jones. Ao longo da narrativa, ficam evidentes a religiosidade de Delia e sua dedicação ao trabalho de lavadeira, graças ao qual consegue sustentar a casa e um marido ausente das responsabilidades do lar.

O conto inicia apresentando uma descrição detalhada da árdua rotina de trabalho semanal que recaia sobre Delia:

It was eleven o'clock of a Spring night in Florida. It was Sunday. Any other night, Delia Jones would have been in bed for two hours by this time. But she was a washwoman, and Monday morning meant a great deal to her. So she collected the soiled clothes on Saturday when she returned the clean things. Sunday night after church, she sorted them and put the white things to soak. It saved her almost a half day's start. A great hamper in the bedroom held the clothes that she brought home. It was so much neater than a number of bundles lying around. (HURSTON, 1994, p. 353)

Enquanto Delia esforça-se para se organizar dentro de sua rotina semanal de trabalho como lavadeira, Sykes, seu esposo, encontra-se ausente de casa, em local que nem mesmo sua esposa consegue precisar. O momento em que retorna para casa e se encontra com Delia é, também, a ocasião da primeira discussão entre o casal que é narrada ao leitor, o que é sintomático de um casamento em crise. Aproveitando-se da concentração de sua esposa que estava ocupada em separar as roupas sujas que coletara no dia anterior, Sykes surpreende-a com um chicote em suas costas, o que a faz pensar tratar-se de uma cobra, animal que a aterrorizava. Questionado sobre a insensatez de tal ação, Sykes não demonstra qualquer preocupação, utilizando, inclusive, palavras fortes e agressivas para se dirigir a sua esposa: “If you such a big fool dat you got to have a fit over a earth worm or a string, Ah don't keer how bad Ah skeer you” (HURSTON, 1994, p. 353). Esse episódio apresenta-se apenas como um pretexto para Sykes partir para ações mais enérgicas, como bagunçar as roupas que Delia estava organizando.

Entretanto, contrariamente à postura assumida ao longo dos quinze anos de casamento, ela reage às ameaças de agressão. Num primeiro momento da discussão, Delia levanta a voz contra o marido, jogando sobre ele verdades que possivelmente nunca tivera coragem de expressar: “Looka heah, Sakes, you done gone too fur. Ah been married to you fur fifteen years, and Ah been takin' in washin' fur fifteen years. Sweat, sweat, sweat! Work and sweat, cry and sweat, pray and sweat!” (HURSTON, 1994, p. 354). Essa fala da personagem demonstra, de modo categórico, o sofrimento em uma união matrimonial que há tempos dava sinais de esgotamento. A repetição do substantivo “*sweat*” atrelado às ações expressas pelos verbos “*work*”, “*cry*” e “*pray*” resumem a vida miserável de uma mulher submetida aos desígnios e vontades de um marido violento e opressor. A recorrência da palavra “*sweat*”, que inclusive intitula a narrativa, não se mostra

gratuita. Ao contrário, essa repetição, somada à simbologia que relaciona o suor ao labor, verificada na passagem bíblica do Gênesis, ajuda a configurar um contexto de exploração ao qual a personagem está submetida. Assim, a narrativa inverte os papéis tradicionalmente atribuídos aos sujeitos masculino e feminino nas sociedades caracterizadas pelo patriarcalismo, ao mostrar que o marido se furta de assumir suas responsabilidades com o trabalho e o sustento da casa.

Num segundo momento da discussão, Delia, visualizando a iminência de mais uma agressão física contra si, igual as que tão constantemente se repetiram ao longo desses quinze anos de sofrimento, arma-se, num ato de bravura que surpreende Sykes, com um objeto de cozinha para se proteger do marido violento. Esse ato o faz recuar e impede a imposição do castigo físico, conforme é expresso pela fala do narrador: “A little awed by this new Delia, he sidled out of the door and slammed the back gate after him” (HURSTON, 1994, p. 355).

Além de estar fisicamente submetida ao trabalho pesado e a agressões constantes por parte do marido, Delia ainda tem de suportar o constrangimento moral das traições. Durante a discussão, a personagem confessa saber do relacionamento extraconjugal do marido que, aliás, não faz qualquer questão de esconder: “Naw you won’t, she panted, that ole snaggle-toothed black woman you runnin’ with aint comin’ heah to pile up on mah sweat and blood. You aint paid for nothin’ on this place, and Ah’m gointer stay right heah till Ah’m totted out foot foremost” (HURSTON, 1994, p. 355). Esse constrangimento assume uma dimensão ainda maior porque as traições não são apenas do conhecimento da esposa traída, mas de todas as pessoas da comunidade que, entretanto, repudiam esse comportamento ilegítimo do esposo. Essas vozes sociais que se opõem a Sykes, habilmente captadas pelo narrador, ajudam a preparar e justificar o desfecho da narrativa, ao mesmo tempo em que, indiretamente, induzem o leitor à adoção desse ponto de vista referendado pelo corpo social.

Assim, é durante esse primeiro momento de discussão que o leitor, juntando as informações lançadas no calor da briga, consegue montar, ainda que de forma fragmentada, a história desse matrimônio fracassado. Os quinze anos do casamento podem ser resumidos em poucas palavras: trabalho pesado, brigas constantes, agressões físicas e traições. Desde o início do conto, o narrador já começa a delinear assimetrias entre o casal que mais à frente se tornarão ainda mais evidentes e culminarão com a insustentabilidade do matrimônio: de um lado, Delia, trabalhadora e comprometida em prover o lar dos suprimentos bási-

cos necessários; de outro, Sykes, o esposo ausente e opressor. Essa visão é confirmada, ao longo do texto, não apenas pela voz do narrador e da protagonista, mas também pelas opiniões dos moradores da comunidade sobre o casal. Por um lado, Delia é reconhecidamente uma mulher empenhada em seu trabalho, conforme expresso na fala de um dos moradores: “‘Hot or col’, rain or shine, jes ez reg’lar ez de weeks roll roun’ Delia carries em an’ fetches ‘em on Sat’day” (HURSTON, 1994, p. 356). Por outro lado, a comunidade vê Sykes como desordeiro e desrespeitoso e também tem conhecimento de suas traições e agressões físicas impostas à esposa, que começaram ainda nos primeiros meses após o casamento: “‘Too much knockin’ will ruin any ‘oman. He done beat huh ‘nough tub kill three women, let ‘lone change they looks, said Elijah Mosely” (HURSTON, 1994, p. 356). Esse comportamento do esposo, que não goza de aceitabilidade perante a comunidade, transforma-se, ao longo da narrativa, numa espécie de justificativa perante a sociedade para a separação do casal. O histórico de agressões e violências a que Sykes submete sua esposa gera, pois, uma comoção social, razão pela qual os moradores chegam a questionar se não há alguma lei que possa ser aplicada como punição aos seus atos desonrosos: “‘There oughter be a law about him’, said Lindsay. ‘He aint fit tuh carry guts tuh a bear’” (HURSTON, 1994, p. 357).

A postura da personagem em levantar a voz contra o marido durante a discussão e munir-se de um objeto de cozinha para se defender da agressão demarca o surgimento de uma nova Delia que, inclusive, chega a surpreender seu esposo. Disso, infere-se que a personagem aceitara, ao longo desses quinze anos, todas as imposições e arbítrios sem qualquer questionamento, assumindo sempre uma posição de passividade e de subordinação perante as situações. Essa nova Delia tem como marca, também, uma postura mais reflexiva, quando parece, pela primeira vez, compreender o contexto de opressão e o fracasso de um matrimônio que já se esboçara há anos. Isso fica evidente no seguinte trecho:

She lay awake, gazing upon the debris that cluttered their matrimonial trail. Not an image left standing along the way. Anything like flowers had long ago been drowned in the salty stream that had been pressed from her heart. Her tears, her sweat, her blood. She had brought love to the union and he had brought a longing after the flesh. Two months after the wedding, he had given her the first brutal beating. She had the memory of his numerous trips to Orlando with all of his wages

when he had returned to her penniless, even before the first year had passed. She was young and soft then, but now she thought of her knotty, muscled limbs, her harsh knuckly hands, and drew herself up into an unhappy little ball in the middle of the big feather bed. Too late now to hope for love, even if it were not Bertha it would be someone else. This case differed from the others only in that she was bolder than the others. Too late for everything except her little home. She had built it for her old days, and planted one by one the trees and flowers there. It was lovely to her, lovely. (HURSTON, 1994, p. 355)

Essa passagem, que demonstra um momento de esclarecimento da personagem, apresenta-se como uma das mais dramáticas da narrativa. Por um lado, a personagem faz, retrospectivamente, um apanhado de todo o contexto de exploração, exclusão e agressão a que esteve submetida ao longo dos anos de casamento. Aqui, novamente a palavra “*sweat*”, conjuntamente com as palavras “*tears*” e “*blood*”, nominaliza e resume o sofrimento da personagem. Por outro, Delia, com base na compreensão retrospectiva que alcançara, percebe a impossibilidade de felicidade nessa relação que, desde o início, já se mostrara fadada ao fracasso pela incompatibilidade de propósitos dos envolvidos no matrimônio: enquanto ela trouxe amor para a relação, Sykes buscava apenas a satisfação dos desejos carnis, conforme fica explicitado pelo narrador no fragmento transcrito acima. Ademais, são mencionadas as brigas, as agressões físicas, que começaram já no segundo mês após o casamento, e as traições de seu esposo. Ciente do fracasso de seu casamento e da juventude que já não mais dispunha, a personagem vê na casa, erguida e mantida com seu suor e labor, o único bem que lhe restava como garantia de um lar em sua velhice. Essa preocupação da personagem não é descabida, já que Sykes, preterindo a esposa pela amante, fará de tudo para retirar Delia da casa. Esse momento de esclarecimento e reflexão da personagem mostra-se, pois, permeado pela mágoa e pelo ressentimento de uma mulher ferida e humilhada, o que a levará, num tom profético, a proferir a seguinte declaração: ““Oh well, whatever goes over the Devil’s back, is got to come under his belly. Sometime or ruther, Sakes, like everybody else, is gointer reap his sowing” (HURSTON, 1994, p. 355). Essa passagem é importante para entender o desfecho da narrativa, na medida em que, evocando aquilo que biblicamente se convencionou chamar de lei da sementeira e da colheita, representa também o anseio de justiça da personagem.

Com a relação ainda mais desgastada, as brigas se intensificam e a convivência num mesmo espaço fica quase impossível: “Things had come to a pretty pass!” (HURSTON, 1994, p. 355). Os meses que se seguem são caracterizados pelo narrador como um verdadeiro calvário para a personagem, em mais uma referência à bíblia: “Delia’s work-worn knees crawled over the earth in Gethsemane and up the rocks of Calvary many many times during these months. She avoided the villagers and meeting places in her efforts to be blind and deaf” (HURSTON, 1994, p. 358-359). Sykes não apenas sustenta Bertha, a amante, como promove retirar Delia da casa para tornar a outra a senhora do lar. São, literalmente, “Dog days!” (HURSTON, 1994, p. 359).

Em um desses dias, Sykes surpreende Delia ao trazer para a casa um animal inusitado: uma serpente. Entretanto, a atitude do marido tem um objetivo muito bem definido, pois, tendo conhecimento do medo que a esposa nutre por esse animal, ele tenta amedrontá-la e fazê-la abandonar a casa, conforme denuncia a fala do personagem: “Doan ast me tuh do nothin’ fuh yuh. [...] Dat’s a nice snake an’ anybody doan lak ‘im kin jes’ bit de grit” (HURSTON, 1994, p. 359). Esse evento estremece ainda mais o relacionamento já fragilizado e induz Delia a levantar, mais uma vez, a voz contra o marido para expressar pensamentos e sentimentos que nunca tivera coragem de confessar, o que se observa na citação abaixo.

“Ah hates you, Sakes,” she said calmly. “Ah hates you tuh de same degree dat Ah useter love yuh. Ah done took an’ took till mah belly is full up tuh mah neck. Dat’s de reason Ah got mah letter fum de church an’ moved mah membership tuh Woodbridge – so Ah don’t haftuh take no sacrament wid yuh. Ah don’t wantuh see yuh ‘roun’ me atall. Lay ‘roun’ wid dat ‘oman all yuh wants tuh, but gwan ‘way fum me an’ mah house. At hates yuh lak uh suck-egg dog”. (HURSTON, 1994, p. 360)

Essa passagem pode ser considerada como mais um ato de coragem e libertação da personagem, tendo em vista o contexto de opressão e silenciamento a que fora submetida durante anos. A comparação do esposo a um “*suck-egg dog*” representa, em última análise, o desprezo da personagem pelo marido, rebaixando-o a categoria do insignificante e do odiável.

Todos esses eventos preparam o desfecho da narrativa que, na verdade, promove uma reviravolta nas relações de poder verificadas até então no âmbito do matrimônio e, de certo modo, confirma a profecia de Delia, em sua ânsia por

justiça. Ao retornar da Igreja certa noite, Delia, usando o último fósforo disponível na casa para iluminar a escuridão, percebe que a serpente está solta e, numa atitude de desespero, refugia-se numa espécie de celeiro nas proximidades da casa. Passado o terror, vem novamente um momento de reflexão seguido de um estado de calma, quando a personagem confidencia: “‘Well, Ah done de bes’ Ah could. If things aint right, Gawd knows taint mah fault’” (HURSTON, 1994, p. 362). Essa frase é importante para a compreensão da narrativa porque, aqui, a personagem exime-se de qualquer culpa na relação, o que, juntamente com outros elementos, ajuda a justificar sua ação no desfecho da trama.

Ao chegar em casa, Sykes encontra o lar vazio e em completa escuridão. Sem nenhum fósforo para iluminar a escuridão – “He had emptied his pockets at Bertha’s” (HURSTON, 1994, p. 363) – ele se torna uma presa fácil para a serpente que o ataca. Enquanto isso, Delia, refugiada em seu abrigo, ouve o grito desesperador de seu esposo, um grito que “[...] might have come from a mad-dened chimpanzee, a stricken gorilla. All the terror, all the horror, all the rage that man possibly could express, without a recognizable human sound” (HURSTON, 1994, p. 363). De fora, ela assiste toda a cena e ouve os pedidos de ajuda de seu esposo, mas não esboça qualquer reação. Ao contrário, parece paralisada e anestesiada, embora ciente de tudo o que estava acontecendo: “She lay there. ‘Delia, Delia!’ She could hear Sakes calling in a most despairing tone as one who expected no answer. The sun crept on up, and he called. Delia could not move – her legs were gone flabby. She never moved, he called, and the sun kept rising.” (HURSTON, 1994, p. 363).

O último parágrafo do conto narra o momento em que Delia, ao adentrar na casa, vê seu esposo caído e agonizando, vítima de sua própria armadilha:

She saw him on his hands and knees as soon as she reached the door. He crept an inch or two toward her – all that he was able, and she saw his horribly swollen neck and his one open eye shining with hope. A surge of pity not too strong to support bore her away from that eye that must, could not, fail to see the tubs. He would see the lamp. Orlando with its doctors was too far. She could scarcely reach the Chinaberry tree, where she waited in the growing heat while inside she knew the cold river was creeping up and up to extinguish that eye which must know by now all that she knew. (HURSTON, 1994, p. 364)

O primeiro fato a observar nessa cena final é a disposição física dos personagens no ambiente que, por sua vez, conotam relações de poder. A imagem de Sykes arrastando-se e agonizando ante os pés de Delia contrasta visivelmente com a cena inicial do conto, em que esta, agachada a separar as roupas, é amedrontada pelo chicote, símbolo de poder e instrumento de punição, que ele trazia em mãos. Esse paralelo é possível porque, nas duas cenas, a disposição física dos personagens é correlata às relações de poder que cada um desempenha. A diferença está na inversão de poder verificada na cena final. O empoderamento da personagem nesse momento final assume uma dimensão demiúrgica, pois a vida de Sykes passa a depender diretamente da disposição de Delia, única pessoa presente ali, para procurar ajuda médica. A sua opção de não ir chamar um médico que, segundo ela, estaria distante, lança dúvidas sobre o real interesse da personagem em ajudar o esposo agonizante.

Ademais, essa cena final é repleta de simbolismos. A serpente é um símbolo universalmente presente nas mais diferentes culturas e qualquer leitura do conto deve levar em consideração esse aspecto. Na tradição cristã, ela é a responsável por manipular Eva que, juntamente com Adão, prova do fruto proibido e, por isso, são expulsos do Éden. Entretanto, há no conto algumas inversões e ressignificações desse mito bíblico, a saber: (1) não é a mulher, no caso Delia, mas Sykes, o homem, o responsável por introduzir o animal na residência; (2) a serpente, embora cause terror a Delia, não provoca, no final, um mal ou castigo substancial a ela, mas sim a seu esposo que padece e morre vítima do veneno desse animal; (3) do ponto de vista de Delia, a serpente traz a libertação do marido opressor. Ao eximir a mulher de qualquer culpa e imputar na serpente um caráter libertador, o conto utiliza-se de elementos da tradição cristã, mas inverte valores historicamente arraigados na tradição. Ainda nessa última cena, há outras referências bíblicas importantes que ajudam a configurar a ideia de libertação da personagem quando da morte do marido. A menção ao Rio Jordão feita por Delia em uma canção folclórica durante seu retorno da igreja exatamente na noite em que o veneno do animal peçonhento leva seu esposo à morte, não pode ser encarada como gratuita: “Jurden water, black an’ col’ / Chills de body, not de soul / An ah wantah cross Jurden in uh calm time” (HURSTON, 1994, p. 361). O Rio Jordão, espaço sacralizado no contexto do cristianismo, traz a simbologia do batismo e do renascimento. Inegavelmente, a morte de Sykes decreta o fim de um matrimônio fracassado e, portanto, demarca o começo de uma nova

vida para a personagem feminina. Trata-se, pois, de um rito de passagem caracterizado pela purificação e pelo renascimento, ainda que no plano simbólico, da personagem que, a partir desse momento, vê-se livre das amarras de um casamento que a sufocava e inibia a expressão de sua subjetividade.

Ajudando a compor esse quadro que prenuncia a nova vida prestes a se descortinar para Delia, há a recorrência à simbologia da luz. Esta remete à salvação e ao conhecimento e se faz presente na narrativa por meio do jogo entre clareza e escuridão que se estabelece da seguinte forma na parte final do conto: (1) Delia consegue salvar-se porque encontra um último fósforo que clareia o ambiente e a faz ver o animal peçonhento à espreita; (2) Sykes, privado da luz ao não encontrar mais fósforos, é picado e morre; (3) à medida que Sykes define, tendo o seu corpo consumido pelo veneno do animal, o sol, lá fora, vai paulatinamente renascendo, espalhando seus raios de luz e anunciado, para Delia, uma nova vida.

Como se vê, o conto apresenta, conforme as próprias palavras do narrador, o calvário da personagem Délia, uma mulher que, ao longo de quinze anos, sofreu repetidas agressões físicas e psicológicas impostas por um marido violento e opressor. Essa subjetividade feminina aprisionada nessa relação de exploração tem raros momentos de expressão. Maltratada, humilhada pelas traições e rebaixada enquanto mulher: essa é a saga de uma personagem para quem a libertação do casamento chega da forma mais inusitada, quando a armadilha preparada pelo marido se volta contra ele. Essa é Delia Jones, personagem marcante da escrita Zora Neale Hurston.

O conto “Sweat” traz uma personagem de uma força singular que enfrenta dentro de sua própria casa o maior obstáculo para sua felicidade, a saber, um marido opressor e agressivo que simboliza, em última instância, o fracasso dessa união conjugal. Embora a narrativa aborde questões relacionadas à raça, já que a trama se passa numa comunidade negra dos Estados Unidos, as situações de opressão e exclusão impostas a protagonista advém, majoritariamente, da assimetria na relação de poder entre os gêneros, quando o feminino é subjugado pelo masculino. Entretanto, o fato de a protagonista ser uma lavadeira que lava as roupas dos denominados “*White folks*”, numa peregrinação semanal devolvendo as roupas limpas e coletando as sujas, demonstra um contexto de exploração a que as pessoas menos privilegiadas são obrigadas a se submeter para conseguir prover as necessidades mais básicas de sobrevivência.

Assim, a palavra “*sweat*”, que permeia toda a narrativa a começar pelo título do conto, é a que melhor expressa o “calvário” que se tornou a vida da personagem ao longo dos quinze anos de casamento. O martírio da personagem, que começa com as primeiras agressões físicas ainda nos meses iniciais do casamento, espraia-se ao longo desse período, deixando nela não apenas marcas psicológicas, mas também físicas. O trabalho árduo diário para sustentar sozinha a casa, bem como os castigos físicos impostos à personagem, aliados ao passar dos anos, minam com a juventude da personagem. Em diversas passagens da narrativa, o marido faz menção à condição corporal envelhecida de Delia, o que se torna, para ele, uma das razões para procurar outras mulheres. Há na narrativa, inclusive, uma passagem interessante que compara, ainda que de modo grosseiro, a mulher à cana: ambas têm seu doce sugado, são mastigas e, quando não são mais úteis, jogadas fora. Esse pensamento, fortemente arraigado nas sociedades dominadas pelo patriarcado, em que a mulher é vista meramente como objeto e tem desconsiderada sua individualidade e subjetividade, encontra, na narrativa, expressão nas atitudes de Sykes.

O desfecho da narrativa, ao mesmo tempo inusitado e surpreendente, representa como Sykes se tornou vítima de sua própria armadilha e é, em certo sentido, a realização da profecia feita por Delia que tem em sua base o anseio de justiça. O final ambíguo, em que paira a dúvida sobre a real disposição da personagem em socorrer o marido, representa o momento de empoderamento do sujeito feminino no espaço doméstico antes dominado pela figura masculina e, em última análise, a libertação de uma relação que asfixiava e inibia a expressão da subjetividade feminina. Portanto, esse conto abre espaço para reflexões sobre a condição da mulher não apenas naquele contexto específico em que a narrativa foi escrita, mas também em todas as sociedades que têm por base e alimentam a cultura do patriarcado.

Referências

- BOSI, Alfredo. Narrativa e Resistência. *Itinerários*, Araraquara, n. 10, p.11-27, 1996. Disponível em: <<http://piwik.seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/2577/2207>>. Acesso em: 9 fev 2016.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FRAILE, Ana Maria. Zora Neale Hurston's experimentation with the narrative voice in her short stories. *Reden: revista espanhola de estudios norteamericanos*, Madri, n. 13, p.27-40, 1997. Disponível em: <<http://dspace.uah.es/dspace/bitstream/handle/10017/4985/Zora%20Neale%20Hurston's%20Experimentation%20with%20the%20Narrative%20Voice%20in%20her%20Short%20Stories.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 7 fev 2016.
- GILBERT, Sandra ; GUBAR, Susan. *The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination*. Londres: Yale University Press, 2000.
- HURSTON, Zora Naele. Sweat. In: OATES, Joyce Carol. (Org.). *The Oxford book of american short stories*. New York: Oxford University Press, 1994.
- LOURO, Guaracira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, vol. 20, n 2, p. 71-99, jul/dez, 1995.
- TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 24, p.127-152, jun 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a07.pdf>>. Acesso em: 7 fev 2016.
- WARD, Candace. Zora Neale Hurston. In: WARD, Candace (Ed.). *Great short stories by american women*. New York: Dover Publications, 1996, p. 182.